

METRÓPOLE EM MARCHA

Oswaldo de Brito

ODILA, GRÉCIA...

A IV Semana de Artes Plásticas passou... E como as anteriores, deixou saudade. Pena que, novamente, ela não alcançasse a profundidade necessária, não ferisse de rijo a pasmaceira reinante em alguns círculos sociais ribeirãopretanos, que se dizem críticos ou pensam que o são. Honra seja feita: culpa não cabe, no caso, aos estereotipados e típicos dirigentes da Escola de Artes Plásticas. Eles se empenham!

E na estufa das atrações da "Semana" eu me dirigi, sábado, à sede da Escola, sita na rua Álvares Cabral, a fim de assistir à abertura da palestra da Dra. Maria Lico sobre "Impressões de viagem à Grécia".

Antes, porém, de atingir o auditório, me detive, mais uma vez, embevecido, na mostra de Odila Mestriner, a "Retrospectiva de Desenho", que abrange toda a sua produção, em nanquim e colagem, de 1959 para cá. Reví belas peças e me deparei com outras, mais recentes, mergulhando naquele mundo algo misterioso da impressionante obra construída pela notável desenhista.

Afirmam os entendidos que Odila Mestriner é "um valor autêntico". No dizer de José Geraldo Vieira, "certos desenhos seus têm impacto místico pela solidão do espaço urbano, sem criaturas, sem população, sem trânsito, quais cidades abandonadas ou à espera do milagre".

Não uso (e nem poderia fazê-lo, se o pretendesse) a linguagem dos iluminados da crítica. Sinto, apenas, aqui no íntimo, no coração, a beleza imanente, poderosa, da arte em ebulição de Odila. Compreendo-lhe, penso compreender-lhe a angústia humana que brota, constante, inesgotável, de sua mensagem de criadora personalíssima, natural, vivaz e, ao mesmo tempo, profética.

E no encantamento renovado em que me vi preso, no meio dos quadros da "Retrospectiva", quase me olvidei da palestra que Maria Lico proferia no salão superior. Subi, correndo, os degraus que davam para o auditório e me sentei, no escuro, o coração na boca. Ia pela metade a conferencista, entrava na fase final da projeção dos "sliders". Aos poucos, me enquadrei no assunto e segui, atento, a varinha com que a viajante apontava as coloridas imagens da Grécia, especialmente a Grécia clássica e perene, dos templos em ruínas, da arquitetura sugestiva, dos deuses risonhos, amorosos e cruéis, feitos à semelhança do próprio homem.

Francamente, presumo ter perdido o melhor da exposição da Dra. Maria Lico, a quem não tive o prazer de ser apresentado. Seu cartão de visita, no entanto, tem para mim um significado incomum e vale por si só: assistente do Prof. Miguel Roland Covian, catedrático de Fisiologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, figura exponencial de nossa famosa Escola, cientista sensível, também, aos movimentos artísticos.

Outras ocasiões virão...

DIÁRIO DA MANHÃ
1-10-64